



VIVENDO EM EXÍLIO

Uma leitura homilética de Jeremias 29.1-14

Rev. Paulo Severino da Silva Filho

INTRODUÇÃO

Queremos ser felizes e viver em paz. Todos nós, seres humanos.

Buscamos em Deus a nossa felicidade e paz. Muitos de nós: o seu povo.

E fazemos bem, porque Deus é bom. Como diz o texto que lemos, os pensamentos de Deus são de paz (v. 11). Sua palavra é boa para seu povo (v. 10). A ação de Deus é “para vos dar um futuro e uma esperança”, diz mais literalmente o fim do v. 11, que a versão de Almeida Revista e Atualizada traduz: “para vos dar o fim que desejais” (cf. o uso de ambas as palavras na bela frase de 31.17).

Isto pode nos trazer problemas. Pode gerar em nós desconforto. Pode nos deixar insatisfeitos. Pois, de um modo geral, queremos felicidade e paz agora, no nosso presente. E do jeito como sonhamos. Mas a felicidade e a paz podem não ser para já. O fim que desejamos pode não vir agora. Nem daqui a pouco. Pode demorar. E pode não ser exatamente do jeito como imaginamos melhor para nós.

O fato é que Deus não promove a nossa felicidade e a nossa paz como ou quando determinamos ou desejamos. Não sempre. Não necessariamente. Ele tem seus propósitos e seus caminhos – que incluem muitas vezes o sofrimento. Ele tem seu modo – que nos incomoda. Tem seu tempo – que nos impacienta. E tem suas exigências para o presente – que nos desconcertam e desafiam. É o que nos ensina o texto de nossa reflexão.

EXPLICAÇÃO

Trata-se de uma carta. Uma carta estranha. Dirigida por Jeremias a todos os judaítas exilados na Babilônia, para onde haviam sido levadas, poucos anos antes, a corte e a elite de Judá (vv. 1-2), pequenino estado submetido a Nabucodonosor, rei do império neobabilônico, a grande potência do Antigo Oriente Próximo naquele momento histórico.

A mensagem da carta: Aceitar a realidade do exílio. Que será longo. E viver uma vida normal na Babilônia. Buscando a paz daquela cidade. Sem desesperar-se. Sem iludir-se. Sem isolar-se.

Seria essa palavra um estímulo ao conformismo? Um incentivo à acomodação? Uma entrada no jogo de Nabucodonosor? Não. É mensagem de quem é fiel a sua vocação. De quem se sabe portador da palavra de Deus: “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel”, diz o início da carta (v. 4), frase que se repete mais adiante (v. 8; cf. também v. 10, e a expressão “oráculo de YHWH”, nos vv. 9, 11 e 14 [2x]).

Palavra diferente da dos profetas de mentiras, que o Senhor não enviou (v. 9). Que cultivam ilusões a curto prazo (cf. as palavras de Hananias, em 28.2-4). Que dizem aquilo que confere com os gostos e combina com os sonhos enganosos do povo (v. 8). Desejos do povo e palavras mentirosas desses profetas se somam e se reforçam, promovendo um auto-engano coletivo. São coisas a serem deixadas de lado, que não levam a lugar nenhum.

Jeremias fala em nome do Deus que é mais do que o Deus de Israel apenas; é antes e acima de tudo o Senhor dos Exércitos (sejam eles celestes ou humanos), o Senhor da história. E aqui está a primeira lição de como viver no exílio.

I) RECONHECENDO A SOBERANIA DE DEUS

Antídoto contra o desespero – saber que há um Deus soberano que dirige a história. Embora o texto diga que Nabucodonosor deportou os judaítas de Jerusalém para a Babilônia (v. 1), na realidade, por trás de sua ação está a mão de Deus.

O Senhor assume a responsabilidade pelo exílio (vv. 4, 7, 14). Ele causou a deportação dos judaítas. Não foi destino; não foi acaso; foi providência: castigo por pecados. Não foi destino, que na Bíblia não há lugar para qualquer tipo de fatalismo ou determinismo; não foi acaso, que na Bíblia não há lugar para coisas como sorte ou azar; foi providência do Deus soberano que nos faz livres e responsáveis e nos julga de acordo com nossas obras. Isso é a história: não o cumprimento de um script previamente estabelecido, nem um jogo de cartas marcadas; não uma série de casualidades e ocorrências fortuitas; mas o mistério do encontro de duas liberdades, a divina e a humana, com todas as suas consequências, positivas ou negativas.

Mas o Senhor não abandona seu povo. Ele acompanha os exilados. Continuam sendo seu povo, e ele, seu Deus. Continua sendo possível, mesmo no exílio, invocá-lo em oração e ser ouvido por ele; buscá-lo e encontrá-lo, que ele se deixa achar, com a simples condição de que essa busca seja empreendida com todo o coração (vv. 12-13).

E o Senhor os fará voltar para sua terra (v. 14). Porém, isso só acontecerá no tempo que ele julgar conveniente, em sua soberania. Então cabe aprender uma segunda lição de como viver no exílio.

II) AGUARDANDO O TEMPO DE DEUS

Contra as perspectivas ilusórias de soluções rápidas e as falsas esperanças suscitadas por concepções imediatistas – a lição da paciência.

O Senhor não apenas conduz seu povo para o cativeiro pela mão de Nabucodonosor. Ele também decreta a duração do exílio: setenta anos. Não será breve, como as pessoas certamente gostariam que fosse e como os profetas que o Senhor não enviou estavam dizendo que seria. Hananias dizia: só mais dois anos (28.3). Jeremias dizia que duraria não dois anos, mas duas gerações.

Não seria breve o exílio. Mas também não seria para sempre. Seria por setenta anos. Número redondo, tempo completo. Suficiente para os propósitos de Deus.

O povo podia confiar em que haveria um futuro (ler novamente o v. 11; lembrar a expressão de 31.17: “Há esperança para o teu futuro”).

Mas a esperança teria de ser a longo prazo. Deus é o Senhor do tempo. Tem seus prazos para cumprir suas promessas. E ele irá decerto fazê-lo (v. 14). Quando for a hora certa.

O Senhor é quem determina o tempo certo para cada coisa. Mais: Ele estabelece o tempo de nossa vida, que é o tempo de nossa missão. E eis a terceira lição do texto sobre como viver no exílio.

III) SENDO BÊNÇÃO NO LUGAR ONDE DEUS COLOCA SEU POVO

Remédio contra o veneno da tentação de se fechar e se isolar do mundo – buscar a paz da cidade. Sabendo que, na paz da cidade, estaria a paz do povo (v. 7). É o centro do texto, em termos físicos e teológicos. O cume da mensagem da carta de Jeremias.

A paz da cidade é sua prosperidade, seu bem-estar, sua felicidade (é amplo o conceito do *shalom* hebraico). Mais do que realismo político (decorrente da idéia de que a prosperidade da cidade redundava em benefícios para todos os cidadãos), a proposta é fruto da compreensão de que a felicidade está no serviço ao próximo, quem quer que ele seja.

E como ser bênção? Como buscar a paz da cidade? Antes de mais nada, vivendo vida normal, abençoada por Deus (vv. 5-6). Era para construir casas e nelas habitar; plantar vinhas, e delas comer – realizar o trabalho em proveito próprio, uma bênção em si. Era para casar, ter filhos, casar os filhos, ver os netos – dar continuidade ao ritmo natural da existência, outra bênção em si. E, além disso, a partir da bênção de Deus, trabalhar pela paz da cidade, intercedendo também por ela ao Senhor (v. 7). Ou seja, levar uma vida simples e normal, em comunhão com as pessoas (pelo serviço) e com Deus (pela oração). Afinal, ser bênção não depende de realizações extraordinárias, nem de feitos espetaculares.

Em outras palavras, aceitar a convivência com as pessoas, promover o seu bem, interessar-se por elas, por elas interceder! Mediando-lhes bênçãos! É nossa vocação, como povo e como indivíduos. É o que mostra o chamado de Abraão (cf. Gn 12.1-3: “Sê tu uma bênção”; “em ti serão benditas todas as famílias da terra”) e de Israel (cf. Is 42.6; 49.6: ser luz para os gentios). Que vale também para Jesus e sua Igreja.

CONCLUSÃO

Como, então, o ensino do texto permanece válido para além do seu momento histórico? Como fala às gerações sucessivas do povo de Deus? Como se aplica a nós cristãos, a nós Igreja, hoje? Como se relaciona com a nossa fé e a nossa salvação, que celebramos no culto, em torno da Palavra de Deus e da mesa eucarística?

Olhemos o texto à luz de toda a narrativa bíblica. Voltemos ao fim de Gênesis 3. Ali encontramos o ser humano expulso do jardim. Para viver fora dele. E como Caim, como Jacó, e tantos outros, tendo que,

muitas vezes, viver errante pela terra. Por sua própria culpa. Fazendo a experiência do mundo como lugar de exílio e de peregrinação. É o que somos, como povo de Deus do passado e do presente: peregrinos em direção à terra da promessa. A caminho de novos céus e nova terra. Da plenitude do Reino. Na ressurreição (também imagem bíblica para a volta do exílio, cf. Ezequiel 37.1-14).

Bem gostaríamos de chegar logo. Mas o tempo do exílio ainda não se completou. Cabe-nos esperar com paciência no Senhor. Sabendo que o tempo se fará cumprido na volta de Jesus.

E, até lá, somos chamados a ser bênção no mundo, para todas as pessoas. A buscar a paz na terra de nossas andanças, de nossa habitação provisória, até que estejamos de novo em casa, na criação renovada, no paraíso restaurado. No lugar de onde nunca deveríamos ter saído. Na comunhão plena de Deus.

Até que cheguemos lá, temos, no culto e especialmente na Ceia, o momento maior de comunhão verdadeira e antecipatória daquela que será perfeita um dia com o Senhor soberano sobre a história; o aperitivo do banquete do Reino de Deus; o alimento para nossa esperança de futuro; o fortalecimento para aguardar o retorno do Senhor e a plenitude do Reino de Deus, na disposição de viver intensamente neste ínterim a vontade de Deus, até que volte o bom Senhor. É assim que seremos felizes e teremos paz, agora (parcialmente) e no porvir (plenamente). Deus nos abençoe.

ORAÇÃO

Ó Deus, ajuda-nos a reconhecer tua soberania sobre nossa história e nossas vidas, em todo tempo, em todo lugar, em todas as situações, quer as consideremos boas quer ruins, alegres ou tristes. Que saibamos aceitar com gratidão as bênçãos de tua misericórdia, entre as quais as tuas disciplinas quando pecamos. Dá com que possamos esperar com paciência em ti o tempo do fim do nosso exílio e peregrinação por esta terra, que certamente virá, na hora em que achares por bem concretizar a esperança do nosso futuro. E usa-nos como bênçãos neste mundo, fazendo-nos buscar sempre e com todo o empenho a paz da nossa cidade e do nosso país, a partir da tua bênção sobre nós.

Em nome de Jesus. Amém.

Rev. Dr. Paulo Severino

*O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para falar com o autor, envie um email para: gloriapaulo@easyline.com.br



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958